





# **Seminário Educação e Museus**

## **Síntese dos Grupos de Trabalho**

**Martha Marandino  
Ermelina Pataca (Org.)**

**FEUSP  
São Paulo - 2018**

**Organizadoras:**

Martha Marandino

Ermelinda Pataca

**Instituições organizadoras do evento:**

Faculdade de Educação da USP

Museu da Educação e do Brinquedo

Museu de Anatomia Veterinária

Museu de Arqueologia e Etnologia

Museu de Arte Contemporânea

Museu de Zoologia

Museu Oceanográfico

Museu Paulista

Parque CienTec

**Projeto Gráfico**

Setor de Comunicação e Mídia da FEUSP

As organizadoras e os autores autorizam a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

---

S471 Seminário educação e museus. Martha Marandino; Ermelinda Pataca, organizadoras. São Paulo: FEUSP, 2018.

32 p.

Vários autores

ISBN: 978-85-60944-89-7 (E-Book)

DOI:

1. Museus - educação. 2. Educação em museus. I. Marandino, Martha, org. II. Pataca, Ermelinda, org. III. Título.

CDD 22<sup>a</sup> ed. 375.2

Ficha elaborada por: José Aguinaldo da Silva CRB8<sup>a</sup>: 7532

---

# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	6
<b>Sínteses dos Grupos de Trabalho</b>	
GT1 – Formação de professores Alessandra Bizerra e Martha Marandino.....	8
GT 2 – Formação de educadores de museus Andrea Amaral Biella, Carla Gibertoni Carneiro e Maurício André Silva .....	11
GT 3 – Materiais Didáticos em Museus Márcia Fernandes Lourenço e Renata Sant’Anna de Godoy Pereira.....	15
GT 4 – Educação Básica e Museus Cássia Geciauskas Sofiato, Ermelinda Pataca, Mônica Caldas Ehrenberg e Márcia Gobbi .....	16
GT 5 – Museus Participativos Isabela Ribeiro de Arruda e Denise C. C. P. Abeleira.....	18
GT 6 – Campo de Investigação em educação em museus Camilo de Mello Vasconcellos, Maurício Cândido e Sérgio Teixeira de Castro.....	20
<b>Descrição dos museus participantes</b> .....	25

# Apresentação

A Universidade de São Paulo abriga várias instituições de caráter museológico que, além de atuarem como espaços de extensão à comunidade, estão comprometidas com a pesquisa científica e a docência, pilares da missão institucional da Universidade. Com perfis diferenciados, vinculam-se a distintos campos do conhecimento e promovem aproximações entre a produção científica, cultural e artística com os mais variados perfis de públicos, sobretudo aqueles que visitam suas exposições. Várias ações educativas são realizadas nos museus, como a formação de professores e educadores, a produção de materiais didáticos, a mediação com públicos escolares, a pesquisa com o acervo, a participação na curadoria, o desenvolvimento de ações inclusivas, etc. No caso dos museus universitários as articulações com a atividades de pesquisa, ensino e extensão conferem particularidades a essas instituições que influenciam diretamente nas concepções educacionais.

Neste contexto, os profissionais responsáveis pelas ações educativas dos museus da USP em associação com os pesquisadores que desenvolvem investigações sobre museus e educação ligados a programas de pós-graduação da universidade, realizaram nos dias 26 e 27 de abril de 2017 o Seminário Educação e Museus como um espaço de reflexão e troca de experiências, visando o fomento de pesquisas nesta área, o aperfeiçoamento das práticas e a qualificação profissional dos educadores dos museus, e conseqüentemente, aprimorar o atendimento ao público.

O Seminário ocorreu na Faculdade de Educação (FEUSP) e foi organizado pelo Museu da Educação e do Brinquedo (MEB) em parceria com o Parque CIEN-TEC, o Museu Paulista (MP), Museu de Zoologia (MZ-USP), o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP), o Museu de Anatomia Veterinária (MAV-USP) e o Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP), o Museu Oceanográfico e o Museu de Geociências. Teve como objetivo discutir a temática da educação nos espaços museais e a relação desses locais com seus públicos e contou com a presença de pesquisadores nacionais e internacionais. Foi estruturado em conferências, mesas redondas, grupos de trabalho e visitas técnicas a alguns dos museus da USP e teve um total de 250 participantes com variados perfis, como professores da educação básica, educadores de museus, pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação.

Este documento aglutina as discussões realizadas nos Grupos de Trabalho/GTs, nos quais os participantes puderam participar realizando atividades e debates sobre as temáticas propostas. Foi produzido a partir da síntese de seus coordenadores que buscaram elencar alguns dos aspectos principais abor-

dados ao longo dos encontros. Cada GT optou por um formato particular de relato das discussões, produzido por seus coordenadores. A organização dos GTs constituiu-se de seguinte forma:

GT 1 - Formação de professores - Coordenação: Martha Marandino (FEUSP) e Alessandra Bizerra (ICB-USP e Parque CIENTEC)

GT 2 - Formação de educadores de museus- Coordenação: Maurício Silva (MAE), Carla Gibertoni Carneiro (MAE) e Andrea Amaral (MAC)

GT 3 - Materiais Didáticos em Museus - Coordenação - Renata Sant'Anna de Godoy Pereira (MAC) e Márcia Lourenço (MZ)

GT 4 - Educação Básica e Museus. Coordenação: Márcia Gobbi (FEUSP), Mônica Caldas (FEUSP) e Cássia Sofiato (FEUSP)

GT 5 - Museus Participativos. Coordenação: Denise Peixoto e Isabela R. de Arruda (MP)

GT 6 - Campo de Investigação em educação em museus Coordenação: Camilo de Mello Vasconcellos (MAE); Maurício Cândido (MAV); Sérgio Teixeira de Castro (Museu Oceanográfico)

As discussões no seminário foram fortalecidas pela recém, publicação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), em 2017, que reúne os princípios e diretrizes da mais nova política pública voltada ao setor de museus brasileiro. Neste contexto, consideramos oportuna a divulgação do documento que ora apresentamos, resultado da síntese dos GTS do Seminário Educação e Museus. Além de se constituir como um registro importante do evento, é também a memória de alguns dos temas mais relevantes da pesquisa e da prática da educação em museus. Considerando que o evento teve a participação de educadores de museus, professores e pesquisadores da área de várias regiões do Brasil e de convidados internacionais, as discussões realizadas nos GTs apontam algumas das principais conquistas, mas também inquietações, dúvidas e desafios daqueles que trabalham e refletem cotidianamente sobre o tema. Assim, esperamos que esse documento possa efetivamente contribuir para uma ação cada vez mais qualificada da educação museal.

Por fim, apresentamos descrições dos museus participantes do evento e de seus setores educativos que puderam ser divulgadas junto ao público em visitas técnicas realizadas durante o seminário.

Martha Marandino  
Ermelinda Pataca

# **GT1 - Formação de professores**

**Coordenação: Alessandra Bizerra (instituto de Biociências da USP e Parque CIENTEC) e Martha Marandino (Faculdade de Educação da USP)**

Considerando a relevância das temáticas relacionadas à educação em museus na formação de professores da educação básica, nos propusemos, neste GT, a debater o papel educativo dos museus e a organização das visitas escolares a esses espaços. Buscou-se assim, melhor qualificar a relação museu-escola, tomando como base as vozes de professores, educadores e pesquisadores da área. Apresentamos aqui o relato da atividade do GT, com a estrutura desenvolvida e os principais pontos debatidos. Finalizamos o relato com as recomendações do GT 1 relacionadas ao tema.

## **Estrutura da oficina “Formação de professores”**

Iniciamos o GT com a apresentação de todos os participantes, que discorreram brevemente sobre sua formação, instituição de origem, experiência e interesse pelo GT. Foi possibilitado que os participantes expressassem suas formas de ver e visitar museus, ao colocarem, por exemplo, se costumam visitar essas instituições, o que esperam delas, como preparam suas visitas e o que consideram como aspectos positivos e desafiadores dos trabalhos de campo. Participaram da oficina 21 pessoas, em sua maioria educadores museais e pesquisadores da área.

Em seguida, a fim de contextualizar as políticas públicas que abarcam a relação museu/escola, as coordenadoras apresentaram referências para a prática de atividades extraescolares em documentos curriculares oficiais, apresentando elementos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica – que ressaltam a necessidade de coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor, e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (e, ainda, uma das versões da Base Nacional Curricular Comum, na ocasião ainda em construção). Tais documentos reafirmam, em diferentes graus de relevância, a importância dos trabalhos de campo para o desenvolvimento, com qualidade, da prática educativa, especialmente no que se refere ao ensino de Ciências.

Após essa contextualização, foi feito um levantamento de desafios e inquietações sobre a relação entre a formação de professores (inicial e continuada) e a parceria museu/escola. Para isso, foi estimulada inicialmente uma conversa em duplas, colocando-se como elementos motivadores um conjunto de imagens representando diferentes elementos da visita escolar a museus e um rol de questões problematizadoras. As imagens representavam situações-problema do cotidiano da visita escolar, como acessibilidade, interpretação,



infraestrutura, representatividade cultural, escolarização e tecnologia. Já as questões objetivavam que as duplas expressassem suas opiniões sobre as imagens e sobre os desafios e possibilidades da relação museu/escola, promovendo o debate sobre as concepções dos participantes em relação a educação em museus na formação de professores. Algumas das questões propostas foram: “Como se dá a formação de professores acerca da relação museu/escola? O que falta nessa formação? O que deve ser feito/transformado para fortalecer a formação de professores?”. As imagens e perguntas dispararam momentos de discussão entre as duplas, que foram retomados com o grupo todo, em seguida.

Principais questões apontadas pelos participantes no debate sobre a relação museu/escola e a formação de professores

Os pontos mais debatidos durante a oficina se referiram à relevância do estágio nos museus, ao papel dos “sujeitos” envolvidos e ao uso de tecnologias por esses espaços.

1) O estágio nos museus. Os participantes reiteraram a importância do licenciando vivenciar a práxis museal por meio, também, dos estágios obrigatórios. A possibilidade de realizar regências e intervenções nesses locais durante sua formação inicial poderia contribuir para uma maior compreensão de elementos essenciais da visita, como a adequação de tempo e espaço e a interpretação de objetos. Foi apontada ainda o papel dos estágios na tensão entre os diferentes modos de operar entre museus e escolas, ressaltando-se que os modos de ser professor em museus não é o mesmo daqueles desenvolvidos na escola.

2) Papéis dos “sujeitos” na educação em museus. Um outro tema debatido foi a tentativa de entendimento dos papéis dos diferentes sujeitos envolvidos na relação entre as escolas e os museus. Sobre isso, um primeiro ponto colocado pelo grupo foi a própria nomenclatura do profissional do setor educativo dos museus. Foram apontados argumentos em prol dos termos “monitor” e “mediador”. Mas a discussão ficou mais centrada no entendimento de como o professor poderia facilitar o processo de compreensão pelos alunos. Foram dados relatos sobre onde e quando a visita começa, com planejamento antes, durante e pós trabalho de campo, e de negociações desenvolvidas entre museu/mediador e escola/professor.

3) Tecnologia/Interatividade. O terceiro tema mais debatido no GT focou no crescente uso de tecnologias digitais nos museus. Foram elencados prós e contras de se educar com tecnologia, discutidas algumas formas do professor lidar com um museu com tecnologia e questionada a formação do professor para essa tarefa.

Outros pontos que permearam a discussão, mas não foram desenvolvidos, estavam ligados à relação da instituição museal com seus educadores e com professores visitantes e à avaliação das ações desenvolvidas tanto nos museus quanto nas escolas.

### **Recomendações**

O GT 1 considerou o tempo de discussão bastante limitado, sugerindo que fosse dado maior espaço a debates como o ocorrido, nos próximos eventos. Colocou como recomendação primeira um olhar mais atento para a viabilização de estágios nos cursos de formação de professores, considerando que este é um espaço ímpar para que futuros professores se aproximem das lógicas e modos da educação em museus. Embora pouco discutida, a avaliação das ações atualmente desenvolvidas na interface museu/escola foi apontada como elemento importante para dinamizar a formação de professores, ao contextualizar histórica e culturalmente a visitação escolar e propiciar novas possibilidades de fortalecimento dessa parceria.

## **GT 2 - Formação de educadores de museus**

**Coordenação: Andrea Amaral Biella (Museu de Arte Contemporânea da USP), Carla Gibertoni Carneiro (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP) e Maurício André Silva (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP)**

O Grupo de Trabalho teve 30 participantes, entre profissionais da área e estudantes. Os objetivos do GT foram refletir sobre a formação profissional de educadores de museus de diferentes tipologias, o fortalecimento e a importância do educativo dentro da cadeia operatória museológica e a história dos museus como espaços intrinsecamente educacionais. Procuramos lançar um olhar amplo para os principais dilemas e caminhos relacionados à formação dos sujeitos, que buscam seguir essa área profissional.

As atividades se iniciaram com a apresentação da pesquisa realizada pelos coordenadores do GT e previamente enviada aos participantes por diferentes meios, via Formulário do Google, sobre o cenário atual da formação e atuação de educadores de museus. Contamos com 45 respostas na pesquisa, sendo 61% gênero feminino e 31% do gênero masculino; com a maioria na faixa etária entre 24 e 32 anos, seguido por 16 a 24 e 32 a 40 anos. Oriundos das cidades de Belém-PA, Brumadinho-MG, Caxias do Sul-RS, Jaú-SP, Piracicaba-SP, Porto Alegre-RS, Presidente Prudente-SP, Recife-PE, São Carlos-SP, São Paulo-SP e Sorocaba-SP; com diferentes formações na graduação como Artes Visuais, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Cinema e Audiovisual, Comunicação Social, Física, Geografia, História, Museologia, Pedagogia e Turismo; e com diversas formações na Pós-Graduação como Acessibilidade, Arqueologia, Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais, Educação, Educação Patrimonial, Ensino de Ciência, Farmacologia, Física Nuclear, História, Meio ambiente e Desenvolvimento, Morfologia e Museologia. Os dados levantados iniciaram a discussão e não tiveram a pretensão de apresentar um cenário consolidado da área, mas sim fomentar um olhar para as trajetórias pessoais dos participantes diante desse panorama e provocar reflexões sobre os caminhos futuros da área.

A maioria dos respondentes da pesquisa (gráfico 1) indicou o período de 1 a 5 anos como sendo o de sua atuação em educação em museus. Este dado pode ser associado ao perfil jovem dos profissionais, sobretudo composto por estagiários que durante a graduação buscam, como possibilidade de formação, a área educativa dos museus. Entretanto, boa parte dos participantes não almeja atuar na área durante muito tempo (gráfico 2).



Gráfico 1

Você almeja atuar como educador de Museus até o final de sua vida profissional?

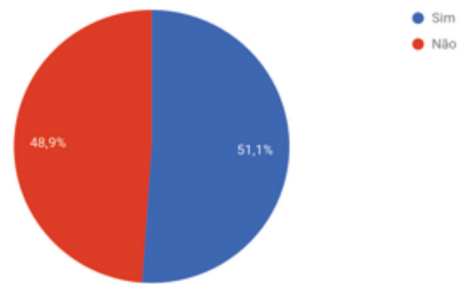


Gráfico 2

Os salários baixos dos educadores de museus pode sinalizar uma permanência temporária nesse campo (gráfico 3). A maioria dos respondentes (34,8%) recebeu em seu último trabalho entre 1.000,00 a 2.500,00 reais, sendo que 53,2% tiveram outra fonte de renda durante a atuação como educadores de museus. Os participantes do GT ressaltaram a necessidade de se trabalhar em dois ou mais museus, ou mesmo em outras instituições, para que consigam complementar a renda ao final do mês.

Qual a sua faixa salarial atual, ou no último trabalho em educativos de museus e/ou instituições afins?

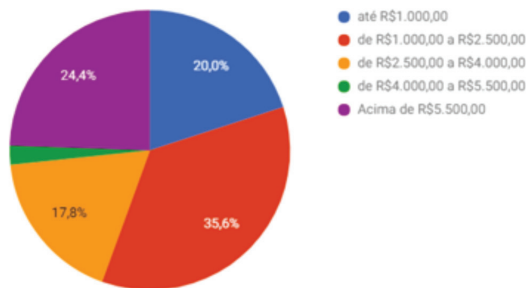


Gráfico 3

Possui ou já possuiu outra fonte de renda durante o trabalho como educador de museus e/ou instituições afins?

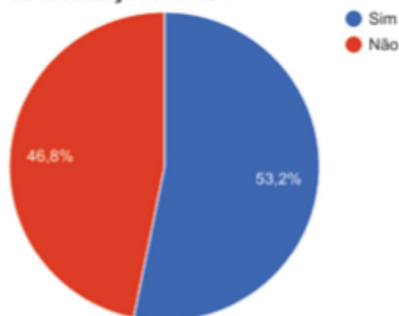


Gráfico 4

O cenário profissional dos educativos dos museus, por meio da pesquisa nos apontaram que 70% atuam em instituições públicas e 20% em instituições privadas; sendo a maioria no regime de trabalho CLT, seguido por estágios; com uma maioria de respostas com a jornada de trabalho entre 30 e 40 horas por semana, com a média de 2 horas de estudo. Cabe ressaltar que, em muitas situações, o regime de trabalho CLT é por tempo determinado, criando uma alta rotatividade dos profissionais nas instituições.

Discutiu-se a necessidade da formação continuada dentro da jornada de trabalho, pois devido às especificidades da área, necessita-se de um espaço de estudo reconhecido pelas instituições. Nas exposições temporárias, os momentos de formação que estão relacionados com o início da mostra, em muitos casos, chegam a não ser remunerados, sendo que algumas vezes a própria formação faz parte do processo de seleção. A pesquisa prévia apontou que 53% receberam durante o período de formação e 47% não receberam.

### **Encaminhamento das reflexões do GT**

A formação acadêmica nos diferentes cursos de graduação pode contribuir com o oferecimento de disciplinas, sobretudo, nas licenciaturas de cursos mais relacionados à área de educação em museus. Mesmo com o crescimento do campo, ainda faltam disciplinas específicas nos cursos.

É importante os museus estarem abertos para o oferecimento de estágios. Muitos profissionais que hoje estão na área, começaram, ainda jovens, atuando nesses espaços, como estagiários.

A não existência de um curso de graduação específico para a formação de educadores de museus é uma potência e uma fragilidade da área. Como lidar com a diversidade de tipologias dos museus, em um curso específico de formação de educadores? Há o risco de ser uma formação muito genérica, dificultando aprofundamentos.

As trajetórias pessoais e diversas dos educadores constroem a potência da área.

A formação dos educadores de museus está em movimento constante. Essa formação se dá, sobretudo, na prática.

É importante o trabalho em rede entre os educadores de museus.

A experiência de formação dos educadores de museus precisa ser sistematizada e divulgada, para que as boas práticas não se percam e contribuam com a história e consolidação da área.

Há necessidade de equipes multidisciplinares nos educativos.

**Agradecemos:**

As docentes da Faculdade de Educação, pelo convite.

Os educadores dos Museus da USP, pela parceria no trabalho em equipe.

Beatriz Aceto, bolsista do Educativo do MAE USP, pela tabulação dos dados e elaboração dos gráficos da pesquisa.

## **GT 3 – Materiais Didáticos em Museus**

**Coordenação: Márcia Fernandes Lourenço (Museu de Zoologia da USP) e Renata Sant'Anna de Godoy Pereira (Museu de Arte Contemporânea da USP)**

O aumento significativo na produção desses materiais nos últimos anos e a distribuição pelos museus e outras instituições culturais promoveu a inserção destas edições na instituição escolar e a utilização como recurso pedagógico, favorecendo o trabalho do professor e ampliando a atuação dos museus.

O objetivo do grupo foi conhecer as diferentes propostas e metodologias de trabalho que norteiam a produção dos materiais didáticos de museus de naturezas diversas para que todos os interessados nesse processo de educação, unindo museus e escolas, educadores de museus e professores, possam discutir e refletir sobre a importância dessas publicações.

O grupo contou com a participação de cerca de 25 pessoas entre professores, estudantes e educadores de museus. Inicialmente, as coordenadoras apresentaram noções básicas de produção de materiais didáticos por meio de exemplos de materiais de tipologias diversificadas de museus, entre eles: zoologia, arte contemporânea, histórico e arqueológico.

Após essa apresentação, houve uma breve discussão sobre as aplicações desses materiais nos diversos espaços educativos nos quais os participantes trabalham. Na etapa seguinte, as organizadoras propuseram uma dinâmica em grupo baseada na escolha de um objeto e na proposição de produção de um material educativo, respeitando os seguintes parâmetros: faixa etária, público alvo, definição do espaço a ser aplicado.

Finalizando, os pequenos grupos apresentaram suas propostas, gerando uma breve discussão sobre as diferentes propostas apresentadas e as limitações encontradas.

## **GT 4 – Educação Básica e Museus**

**Coordenação: Cássia Geciauskas Sofiato (Faculdade de Educação da USP), Ermelinda Pataca (Faculdade de Educação da USP), Mônica Caldas Ehrenberg (Faculdade de Educação da USP) e Márcia Gobbi (Faculdade de Educação da USP)**

O trabalho desenvolvido pelo Grupo de Trabalho (GT) Educação Básica e Museus teve como objetivo promover uma análise e discussão sobre a relação entre a educação básica e os espaços museais, enfatizando a importância dessa interlocução para a formação dos sujeitos. Fez parte da pauta de discussões o envolvimento de diferentes públicos-alvo, entre eles: crianças, jovens, indígenas e pessoas com deficiência.

### **Participantes**

Os participantes do GT eram educadores que atuavam em museus (de Artes e de Ciências), professores da educação básica e alunos de pós-graduação (de diferentes áreas (História, Física, Pedagogia, entre outras).

### **Proposta**

Como elemento disparador foram apresentadas sequências de imagens que envolviam diferentes espaços museais (nacionais e internacionais) e também a interação de diferentes públicos: crianças, jovens, indígenas e pessoas com deficiência e ao final foram disponibilizadas as seguintes frases motivadoras para o início de um processo dialógico com os participantes:

O corpo prevalece como o centro de sua proposta poética,

Estímulos sensoriais,

Integração do corpo à experiência artística da criança,

Soluções inclusivas,

“O que temos para as obras de arte e o que elas têm a nos dizer e apresentar (Didi-Hubermann)”,

Quais crianças têm acesso aos museus e de que modo? Levadas pelas escolas? Seus familiares? Escolas públicas ou privadas? Em que contexto de formação? A partir de qual faixa etária?

Diante das frases motivadoras projetadas, convidamos os participantes para o diálogo a partir do seguinte questionamento: Como avançar?

A discussão foi desencadeada a partir dos desafios que envolvem as aproximações entre a escola e o museu. Foram feitas rodadas de discussões a partir dos tópicos mencionados anteriormente e da escolha de um público-alvo (entre os que já foram citados anteriormente) por duplas de participantes.



### *Resultados das discussões e encaminhamentos para aprofundamento*

Nesse sentido foram levantados os seguintes aspectos:

- Necessidade de discutir o conceito de educação; pois as ações no museu também são consideradas atividades de ensino e muitas vezes existe a preocupação somente com a aprendizagem de “conteúdos”, ficando outras questões a margem;
- Há uma tendência a escolarização dos museus e em contrapartida o grupo considerou que o papel do museu e sua relação com as escolas precisa ser revisto;
- Urgência da necessidade de formação de professores para o trabalho de articulação com os museus e formação dos educadores de museus para o trabalho com diferentes públicos, em especial as crianças;
- No que se refere as visitas foi destacada a dificuldade em atender o público infantil, por conta da complexidade da “linguagem” (do olhar do adulto sobre a criança);
- O papel dos museus e a articulação do educativo junto a curadoria para o planejamento das exposições, considerando diferentes públicos;
- Importância da pesquisa de público para planejar e desenvolver novas propostas;
- Desafios relacionados a acessibilidade: necessidade de acesso ao espaço, aos conteúdos, as obras e as experiências estéticas.
- Necessidade de outros encontros dessa natureza. O grupo também reconheceu a importância da troca de experiências e conhecimento de outros espaços (fizeram menções as visitas aos museus da Universidade de São Paulo realizadas no dia anterior) e a continuidade das discussões.

### **Considerações finais**

A proposta desenvolvida pelo GT foi interessante, pois possibilitou uma rica troca de experiências, com base nas diferentes realidades dos participantes e seus contextos de atuação.

Ficou patente que a relação entre a educação básica (e escola enquanto espaço) e museus precisa ser repensada e aprimorada, tendo em vista a gama de oportunidades que surge para o desenvolvimento do público-alvo envolvido quando esses diferentes espaços formativos trabalham em conjunto.

# GT 5 – Museus Participativos

Coordenação: Isabela Ribeiro de Arruda e Denise C. C. P. Abeleira (Museu Paulista da USP)

## Objetivo:

Articulado ao eixo temático “Museus, universidades e públicos”, o Grupo de Trabalho “Museus participativos” pretendeu discutir os conceitos e práticas relacionados à participação em museus em diferentes instituições museológicas e destinadas a perfis distintos de públicos. As dinâmicas propostas buscaram construir coletivamente um quadro de referências sobre o tema e incentivar a elaboração de projetos colaborativos por meio de exibição de vídeos, discussão de projetos, jogos colaborativos e registros do conhecimento produzido em conjunto.

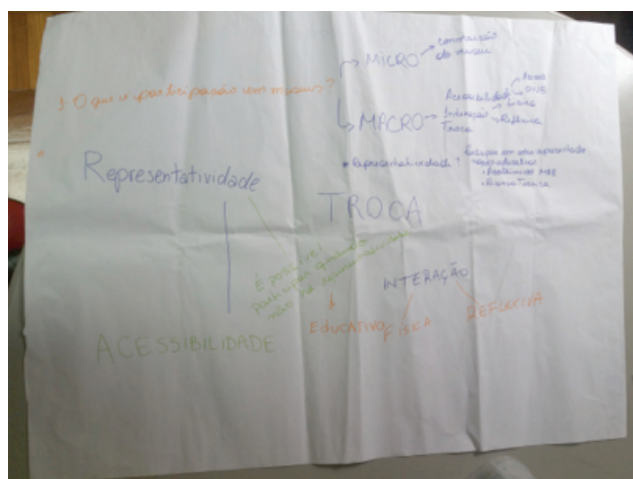
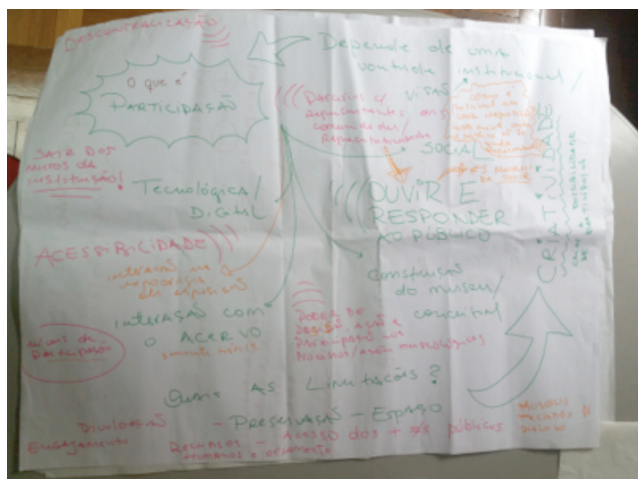
## Dinâmica de trabalho:

1. Dinâmica de apresentação dos participantes.

A composição do grupo era bastante diversificada, com participantes de diferentes estados brasileiros ligados não somente aos setores educativos dos museus ou a cursos de graduação e pós-graduação, mas também a outros campos profissionais, como engenharia da computação e design. Iniciamos a dinâmica de apresentação trabalhando com as expectativas dos participantes do GT, que giravam em torno principalmente da ideia de participação social e os conceitos relacionados ao tema, discutindo como esta questão chega e é trabalhada nos museus.

2. Discussão a partir da metodologia “World Café”.

Na sequência, a fim de fazer um primeiro brainstorming sobre o tema, nos organizamos em 4 grupos para discutir duas questões: o que é participação em museus? O que não é participação em museus? A metodologia utilizada propiciou maior diálogo entre os participantes, pois foram feitas três trocas de grupos, com uma pessoa fixa em cada um deles para fazer os registros em uma folha de flip chart sobre o que foi discutido. Assim, todos tiveram contato com as diferentes ideias dos colegas. Seguem abaixo alguns dos registros realizados:



As discussões perpassaram diferentes aspectos e níveis do que podemos entender como participação em museus. Iniciamos com a discussão sobre estratégias educativas participativas, associadas às questões do acesso, da fruição e do processo de educação nas instituições museológicas. Em seguida, discutiu-se intensamente o problema do respaldo e da vontade institucional de implementar efetivamente propostas de participação que estejam dispostas a desenvolver processos de escuta sensíveis às expectativas e mesmo às resistências dos públicos – problematizamos, inclusive, o quanto esta função fica restrita aos setores educativos e não é assumida como objetivo institucional dos museus. Por fim, debatemos sobre os limites da ideia de estratégias de participação vinculadas somente a atividades educativas quando pensamos no acesso de públicos não-usuais dos museus e como podemos criar espaço nas estratégias participativas para a discordância, a fim de evitar que processos pensados como participativos sejam desenvolvidos de forma autoritária e fechada para a discussão.

3. Exibição e discussão dos vídeos “Opening up the Museum: Nina Simon at TEDxSantaCruz” (<http://tedxtalks.ted.com/video/Opening-up-the-Museum-Nina-Simon>) e “How I learned to stop hating and love museums | Nick Gray | TEDxFoggyBottom” (<https://www.youtube.com/watch?v=6VWPHKABRQA>), com legendas em português.

A partir da exibição dos vídeos, fizemos uma discussão aberta sobre o que estava sendo compreendido como processo de participação nas falas dos dois apresentadores e em que medida as duas concepções iam ou não ao encontro das discussões que havíamos feito anteriormente.

Discutimos o quanto a adoção de estratégias lúdicas pode ou não ser compreendida como forma de participação e o quanto estávamos nos restringindo até então à discussão sobre ações participativas – quase sempre realizadas pelos setores educativos dos museus - e não a uma política de participação. Ao final, a questão central discutida no GT diz respeito à postura institucional. O museu quer realmente se abrir à participação social? É a resposta a esta pergunta que vai definir o nível e o tipo de participação possível naquela instituição. A participação em museus está associada, portanto, à transformação – não só das práticas, mas da própria postura institucional.

Infelizmente, não houve tempo suficiente para realizarmos o “Jogo do Impasse”, jogo colaborativo para construção de projetos participativos em museus, que foi apresentado brevemente aos participantes e uma cópia sorteada entre os mesmos.

## **GT 6 - Campo de Investigação em educação em museus**

**Coordenação: Camilo de Mello Vasconcellos (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP), Maurício Cândido (Museu de Anatomia Veterinária da FMVZ USP) e Sérgio Teixeira de Castro (Museu Oceanográfico do Instituto Oceanográfico da USP)**

### **Apresentação**

Atualmente as pesquisas sobre a temática da educação em museus vêm assumindo grande importância e se consolidando como campo de produção de conhecimento, a partir de diferentes enfoques e abordagens conceituais. Os resultados dessas investigações devem retornar, de alguma forma, ao público dos museus, em especial os professores da rede de ensino. Nesse sentido, o Grupo de Trabalho Campo de Investigação em educação em museus apresentou e discutiu aspectos relevantes das diferentes perspectivas no campo da pesquisa da aprendizagem em museus, enfatizando questões teóricas e metodológicas, com destaque para a importância do papel da mediação.

### **Enfoque**

A dinâmica de trabalho para o GT Campo de Investigação em educação em museus foi estruturada a partir de uma base conceitual, que se desdobrou em três eixos de discussão. Nesse sentido, o conceito de campo de produção de conhecimento, segundo Pierre Bourdieu, orientou os diálogos para pensar o campo da educação em museus.

Um dos aspectos mais interessantes da obra de Bourdieu é a fecunda crítica que este autor faz aos meios científicos e à instituição universitária. Ao procurar debater os interesses e valores que envolvem a produção científica, Bourdieu desvela as relações de poder e de dominação existentes também no campo da ciência, descaracterizando a possibilidade de uma ciência neutra, interessada apenas no seu progresso. Há dentro dela uma disputa constante pela conquista da legitimidade de se falar e agir. “Universo da mais pura ciência é um campo como qualquer outro, com suas relações de força e monopólios, suas lutas, estratégias, interesses e lucros.” (Bourdieu, 1983, p. 123) Para o autor é impossível separar os valores e as representações que temos dos ideais científicos. A prática científica está orientada para a aquisição de um determinado tipo de capital em torno do qual se desenvolvem as disputas e se consolidam as hierarquias entre os cientistas e as diferentes instituições: prestígio e reconhecimento. E estes agentes do campo científico lutam pelo reconhecimento de seus produtos e de sua autoridade de produtor legítimo, o que significa o poder de impor uma definição de ciência. Nesta perspectiva, não há escolhas desinteressadas de temas ou mesmo de métodos. Todas as opções que são feitas significam, antes de tudo, estratégias, investimentos orientados para a obtenção e acúmulo de capital e de lucro simbólicos.

O conceito de campo é um dos conceitos centrais na obra de Pierre Bourdieu e é definido como um espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos. Dotados de mecanismos próprios, os campos possuem propriedades que lhes são particulares, existindo os mais variados tipos, como o campo da moda, o da religião, o da política, o da literatura, o das artes e o da ciência. Todos eles se tornam microcosmos autônomos no interior do mundo social (THIRY-CHERQUES, 2006). A estrutura do campo é como um constante jogo, no qual, cientes das regras estabelecidas, os agentes participam, disputando posições e lucros específicos.

A partir disso podemos pensar em algumas questões para serem debatidas, que possam expressar criticamente o lugar em que a educação em museus ocupa no interior das instituições museológicas, pensando desde o interior dos museus, especialmente para quem trabalha nele (que é nosso caso) e para quem está fora dele e que mais se utiliza dele (o público dos museus):

### **Eixos de discussões**

#### 1º Eixo de discussões: a instituição museu e a sua natureza.

O museu é uma instituição que atua na produção e vulgarização de saberes. Além disso, possui um papel político e social importante na sociedade contemporânea. Qual deveria ser o papel dos educadores ou dos setores educativos de museus, na estrutura de poder e de decisão dos museus? Quando e em que momento ela vem à tona? Quem são os atores mais importantes e os menos importantes?

A proposta desse eixo temático é de discutir a relação entre curadores cientistas e os educadores – divulgadores-mediadores - que trabalham em museus e entram em conflito ou em acordos cotidianamente, com certa ênfase nos museus universitários.

#### 2º Eixo de discussões: a educação em museus pensada como ação comunicacional.

“La evolución del museo templo al museo democrático permitió que los públicos empezaran a ser considerados como actores activos en la consolidación de los proyectos museológicos. Este fenómeno se produjo entre los siglos XVIII y XIX cuando los museos abrieron sus puertas a los espectadores para que estos contemplaran lo que hasta entonces había estado reservado para una minoría. Así los coleccionistas y museos dejaron de dirigir la atención únicamente hacia sus objetos, para empezar a pensar en las posibilidades comunicativas que estos objetos poseían como productos de la cultura.

De esta manera, al cambiar el centro de atención de los objetos exhibidos a quienes los observan, la concepción de museo contenedor se transformó en un ambiente de comunicación en donde las estrategias de mediación se convirtieron en la manera perfecta para que las instituciones dialogaran con sus visitantes a través de experiencias educativas diseñadas para facilitar el acercamiento a sus colecciones.

Desde entonces la educación ocupó un papel fundamental en el desarrollo de los planes museológicos, siendo un elemento imprescindible en el proceso de comunicación entre el museo y las comunidades que representa, proceso que pretende poner en valor el patrimonio cultural”. (Gloria Estefania Sanchez Vivas, Texto no publicado, UNAL, Bogotá, 2017).

### 3º Eixo de discussões: a educação em museus pensada a partir da materialidade da cultura.

“Los conceptos de educación y de inclusión en el museo surgen a partir de la idea del museo público, como un tránsito de presentadores a mediadores (de observación a participación) dando pie a formas de democratización de la cultura en donde se enseña a construir historia y a producir significados, centrando el aprendizaje a través de los objetos y no a través del lenguaje como en la educación formal, siendo por el contrario, un espacio de desarrollo de metodologías de trabajo y no de verdades absolutas en donde todos tienen posibilidad de acceso, de opinión y sobre todo, de resignificación. Esta nueva era de museos ‘exhibe para educar’ basándose en una formación crítica donde la importancia de la mediación no es supervalorar la información, sino saber transmitirla y de esta manera hacer partícipe al público de la construcción de conocimientos y memorias que están en estas instituciones”. (ESCOBAR, Germán. “EXPEDICIONES POR LA MEMORIA” Un programa del Museo Nacional de Colombia)

### 4º Eixo de discussões: o papel do mediador de museus

“La manera que el museo elige para mediar o mostrar una exposición influye directamente en los conceptos construidos por el grupo que explora el entorno interactivo y en la construcción del conocimiento del propio grupo que opera en el espacio museal. Los museos como espacios no formales de educación y de comunicación, pueden ser considerados contextos privilegiados para una construcción de diálogos compartidos entre grupos, en función de estímulos ofrecidos por una exposición temática. El aprovechamiento del potencial de este escenario está en manos del mediador, especialmente cuando la propuesta de la exposición da oportunidad a la interactividad a través de la mediación humana”. (Bonatto, Mendes, & Seibel, 2007, pág. 50; Ação mediada em museus de ciência: o caso do Museu da Vida. En L. Mas-

sarani, P. Rodari, & M. Merzagosa, *Diálogos & Ciência - Mediação em Centros e Museus de Ciência*, págs. 48-55. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz).

#### 5º Eixo de discussões: a educação em museus pensada na perspectiva do público

“Para George E. Hein, el museo constructivista propone que el visitante construya significados personales desde la exhibición y que el proceso de incremento de conocimiento sea un acto constructivo en sí mismo, de tal manera que el visitante experimente de varias maneras, adquiera un conocimiento específico.

En ese sentido, el museo constructivista propone que el visitante tenga la posibilidad de hacer primero conexiones con conceptos objetos familiares o personales, de esta manera para dar significado a la experiencia, se requiere hacer conexiones con lo que ya se conoce. (Hein, G. H. El museo constructivista. Recuperado el 2017 de 03 de 10, de CECA Comité de Acción Educativa y Cultural de Museos de Bogotá: <http://www.pedagogiademuseos.org/nosdocumentamos/el-museo-constructivista/>)

#### *Resultados das discussões em grupo*

Cerca de 30% dos participantes desse GT são profissionais de museus.

#### 1º Eixo

##### Conceito de campo de produção de conhecimento segundo Bourdieu.

Rubens, Tabata, Camila, Estela e José Victor

Não há ciência neutra. Escolhas e decisões são motivações políticas. O lugar (físico) que os espaços educativos ocupam no museu é secundário no plano institucional. As ações educativas não estão no devido lugar na instituição e isso demonstra uma contradição nos museus – ‘lugar de tensão: são necessários, mas não recebem os devidos valores’. Os espaços educativos são conquistados institucionais.

#### 2º Eixo

##### A educação em museus pensada como ação comunicacional

Romulo, Arthur, Maria Eduarda, Adriana e Juliana

Estudos de avaliação são fundamentais para a aproximação do público visitantes – comunidade participante. Relação entre objetos e pessoas como processo – construção. O público participa da construção do significado: exposição como espaço de experiência.

#### 3º Eixo

##### A educação em museus pensada a partir da materialidade da cultura.

Beatriz, Anotoli, Claudia, Aline

Os museus não são homogêneos, eles refletem a diversidade de seu contexto e a sua materialidade espelha isso. Objeto gerador do conhecimento contextual. Os processos educativos devem reconhecer as diferentes memórias presentes num museu. O educativo deve pensar o público além da fruição. O educativo deve ser pensado como processo – é necessário escutar o que o visitante tem a dizer.

#### 4º Eixo

##### O papel do mediador de museu

Larissa, Renata, Luiza, Marcos e Carmen

O educador é quem estabelece o diálogo da instituição com o público. Ele deve conhecer o conteúdo da exposição e do museu para poder construir junto com o visitante o conhecimento – para isso ele deve conhecer o perfil do público. Desafio: rotatividade e instabilidade dos mediadores – a terceirização agrava esse problema. O mediador como coração do museu – pode contribuir muito para o crescimento da instituição como um todo (salvaguarda, curadoria etc) ‘visão holística’.

#### 5º Eixo

##### A educação em museus pensada na perspectiva do público.

Daniela, Sheila, Alan, Cristina e Luciana

A ação educativa deve estar relacionada no plano de gestão institucional. O outro (público) deve estar presente no processo de conhecimento. É necessário o museu se expandir para chegar até a sala de aula: levar a noção de patrimônio para os menos favorecidos. Deve-se introduzir noções de patrimônio para sua valorizar.

#### *Bibliografia*

- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.
- BOURDIEU, PIERRE. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.
- BONATTO, Mendes, & SEIBEL, 2007, pág. 50) Ação mediada em museus de ciência: o caso do Museu da Vida. En L. MASSARANI, P. Rodari, & M. MERZAGOSA, *Diálogos & Ciência- Mediação em Centros e Museus de Ciência* (págs. 48-55). Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz.
- ESCOBAR, Germán. *EXPEDICIONES POR LA MEMORIA Un programa del Museo Nacional de Colombia*, Bogotá, 2015.
- HEIN, G. H. El museo constructivista. CECA Comité de Acción Educativa y Cultural de Museos de Bogotá: <http://www.pedagogiademuseos.org/nosdocumentamos/el-museo-constructivista>



# Descrição dos museus participantes

## **Museu da Educação e do Brinquedo (MEB)**

O Museu da Educação e do Brinquedo/MEB foi criado oficialmente em 1999 pela professora Tizuko Morchida Kishimoto (FEUSP), após doação de uma coleção de fotos da professora Alice Meirelles Reis do Jardim de Infância do Colégio Caetano de Campos com cenas de práticas em educação infantil. Desde 2014, com a aposentadoria da professora, o MEB está passando por uma reestruturação, buscando fortalecer novas práticas e reflexões sobre Educação e Museus.

Seu rico acervo de brinquedos e materiais pedagógicos é constituído através de doações. As pesquisas sobre o acervo são fundamentadas pela história institucional, que busca resgatar as propostas de organização do acervo desenvolvidas anteriormente, assim como o envolvimento de funcionários, professores e bolsistas em exposições, cursos de formação de professores, ações educativas e pesquisas sobre o acervo.

O MEB tem o papel de oferecer oportunidades de aprendizagem e entretenimento a variados públicos, em especial às crianças, mas também professores e educadores por meio de seu acervo e ações educativas. A criação das ações educativas implica no resgate das ações realizadas anteriormente, em conjunção a novas pesquisas sobre brinquedos e brincadeiras. Atualmente o museu atende o público na exposição “Cenas Infantis” na biblioteca da FEUSP e realiza oficinas de brinquedos e brincadeiras com grupos agendados. As visitas guiadas e oficinas são realizadas por educadores e monitores.

Estamos desenvolvendo programas de supervisão de estágios nos cursos de licenciatura e pedagogia, proporcionando aos futuros professores e educadores a vivência nas ações educativas e nos projetos de pesquisa desenvolvidos no Museu.

Endereço:

Av. da Universidade, 308

Cidade Universitária - São Paulo

Telefone: 3091 3252

## **Museu Paulista da USP**

O Museu Paulista, mais conhecido como Museu do Ipiranga, ocupa o edifício-monumento construído entre 1885 e 1890 para celebrar a Independência do

Brasil e a memória de D. Pedro I. Foi inaugurado em 7 de setembro de 1895 como museu de História Natural e teve seu caráter histórico reforçado nas comemorações para o centenário da Independência. Em 1963, foi integrado à USP e desde 1990 definiu como área de especialidade a História da Cultura Material. Possui um acervo de mais de 125.000 unidades, entre objetos, iconografia e documentação textual, do século 17 até meados do século 20, especialmente dedicado à história paulista, e conta com uma equipe especializada de curadoria.

O Serviço de Atividades Educativas foi formado em 2001. Desde então tem concebido, estruturado e desenvolvido suas atividades em Linhas de Ação que visam desenvolver pesquisas e elaborar estratégias educativas que atendam de maneira qualificada e diferenciada o público bastante diversificado do Museu. São elas: Pesquisa de Público; Estratégias de Mediação, Participação na Concepção de Exposições e Produção de Materiais Pedagógicos e de Apoio à Mediação.

As ações educativas têm sido realizadas no Espaço de Atividades Educativas, na Avenida Nazaré, 268, pois a área expositiva encontra-se fechada à visitação pública para a realização de obras de restauração e readequação do edifício.

Espaço de Atividades Educativas do Museu Paulista  
Endereço: Av. Nazaré, 268  
Ipiranga - São Paulo/SP  
Tel. 2065-8053/8055  
<http://www.mp.usp.br/>

### **Museu de Zoologia da USP**

O Museu de Zoologia da USP teve seu início na década de 1890 quando diversas coleções formaram o Museu Paulista. Em 1939, foi criado o Departamento de Zoologia, da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo e projetado um novo prédio para a coleção zoológica. A construção do prédio foi concluída em 1940-1941 quando o acervo zoológico foi transferido para o edifício que hoje ocupa. Em 1969, o museu passou a fazer parte da Universidade de São Paulo e recebeu seu nome atual.

Hoje, o Museu de Zoologia é detentor de um dos maiores acervos zoológicos da América Latina e cumpre um papel importante no desenvolvimento do conhecimento sobre a biodiversidade brasileira e global com mais de 10 milhões de exemplares preservados, guarda testemunhos únicos sobre espécies e ecossistemas, alguns hoje extintos. Esse patrimônio é fonte de dados importantes em biologia evolutiva, paleontologia, ecologia, e biologia molecular. Além disso oferece produtos culturais e educação não formal aos diversos segmentos da sociedade através de suas exposições e ações educativas.

A Seção de Atividades Educativas do MZUSP foi formada em 1998 e hoje conta com duas educadoras. Desenvolve programas para público escolar, famílias, pessoas com deficiência, idosos e estudantes universitários.

Endereço: Av. Nazaré, 481  
Ipiranga - São Paulo  
Telefone: 2065 8100  
<http://www.mz.usp.br/>

### **Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE)**

O Museu de Arqueologia e Etnologia da USP desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão especialmente por meio do acervo de objetos arqueológicos e etnográficos que mantém sob sua guarda. O Educativo desenvolve diversos programas com o objetivo de abranger uma diversidade de públicos como escolas, professores, terceira idade, crianças, comunidades, profissionais da área, entre muitas outras. Estruturado em programas tem como objetivo mediar a relação dos visitantes com o rico acervo que abrange diversas sociedades humanas no passado e presente. As atividades implementadas refletem sobre as pesquisas realizadas na instituição pelas áreas de arqueologia, etnologia e museologia.

Durante a visita técnica ao MAE serão abordados a exposição temporária em cartaz Polis Viver na Cidade Grega Antiga, a Reserva Técnica Visitável: Revelando os bastidores do Museu e os recursos pedagógicos voltados para empréstimo aos professores como as maquetes táteis de arqueologia brasileira; kit de objetos arqueológicos e etnográficos e o kit de objetos infantis indígenas. Venha conhecer o nosso trabalho!!!

Endereço:  
Av. Professor Almeida Prado, 1466  
Cidade Universitária – São Paulo  
Telefone: 3091 4905  
<http://www.vmpptbr.mae.usp.br/>

### **Museu de Anatomia Veterinária Prof. Dr. Plínio Pinto e Silva (MAV)**

O Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (MAV) foi aberto à visitação em 1984. O acervo, atualmente com mais de 1.000 peças, foi formado ao longo dos anos, resultado de trabalhos de pesquisa, ensino, doações e permutas. É composto por esqueletos, animais taxidermizados, órgãos e estruturas anatômicas de diversos animais vertebrados. A grande maioria das peças é de mamíferos, havendo, entre estes, representantes aquáticos, voadores, marsupiais, carní-

voros, roedores, eqüídeos, bovídeos, suídeos e primatas, incluindo o ser humano. Além disso, há modelos didáticos para ensino de anatomia.

Dimensões do corpo: da anatomia à microscopia é o título da exposição de longa duração do MAV. Inaugurada em 2010 e constantemente renovada, essa exposição, cujo tema aborda as formas, funções e sistemas orgânicos, está organizada em cinco módulos, contemplando os seguintes tópicos: A FMVZ da USP e a sua história; O que é anatomia comparada; Origem e diversidade de animais; Anatomia dos sistemas orgânicos; Osteologia e morfologia dos mamíferos. A exposição pode ser visitada individualmente ou em grupos.

Endereço: Orlando Marques de Paiva, 87  
Cidade Universitária – São Paulo  
Fone (11) 30911309  
[www.mav.fmvz.usp.br](http://www.mav.fmvz.usp.br)

### **Museu de Arte Contemporânea (MAC)**

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo é um museu universitário, e como tal, um espaço permanente de estudos e proposições para a arte contemporânea, promovendo o diálogo entre os estudantes, os artistas e professores da universidade e a comunidade em geral, atendendo um dos objetivos principais da universidade - a busca do conhecimento e sua disseminação pela sociedade. Dentro desse objetivo, encontra-se o trabalho da Divisão Técnico Científica de Educação e Arte que tem como foco a formação de público, cumprindo essa tarefa por meio dos programas realizados pelos educadores que atendem às necessidades e interesses dos envolvidos no processo de formação de público: professores e alunos, educadores, curadores e diretores de museus e outras instituições culturais.

A Divisão oferece, gratuitamente, uma série de atividades e programas educativos dirigidos ao ensino básico e superior das redes pública e particular, e também à comunidade em geral, incluindo pessoas com deficiências, famílias, terceira idade, entre outras.

Endereço: Avenida Pedro Álvares Cabral, 1301  
Ibirapuera – São Paulo  
[www.mac.usp.br](http://www.mac.usp.br)

### **Parque CienTec**

O Parque CienTec é um museu de ciências a céu aberto, cuja missão é promover o reconhecimento, a valorização e a preservação do patrimônio cultural científico da Universidade de São Paulo, por meio da articulação entre socie-

dade, cultura, ciência e tecnologia. Localizado em uma das maiores reservas naturais do Município de São Paulo, conta com trilhas ecológicas e experimentos interativos nas áreas de matemática, física, geofísica, microscopia, astronomia, meteorologia, solos, música, entre outros campos das ciências. Aos sábados, são realizadas Tardes Científicas, além de sessões de planetário e observações do céu acompanhadas por astrônomo. Seu público majoritário é o escolar, mas, recentemente, tem promovido o aumento de públicos variados, como famílias, grupos de escotismo, organizações sociais, entre outros. São oferecidas visitas acompanhadas por educadores (temáticas ou exploratórias) e visitas abertas.

Na visita técnica, será possível conhecer a exposição temporária “Areias do Mundo” e percorrer alguns dos principais pontos do Parque, como a Alameda do Sistema Solar, a Trilha “Fontes do Ipiranga”, o Laboratório de Microbiologia e a exposição permanente Física no Cotidiano.

Endereço: Av. Miguel Estéfano, 4200  
Vila Agua Funda, São Paulo – SP  
Telefone: (11) 5077-6312  
<http://parquecientec.usp.br/>

### **Museu Oceanográfico do IOUSP**

O Museu Oceanográfico do Instituto Oceanográfico da USP, fundado em 1988 é um Museu Institucional e tem como objetivo principal a difusão da ciência Oceanografia e as pesquisas desenvolvidas pelo Instituto na Universidade. Para alcançar seu objetivo, desenvolve diversas atividades como visitas monitoradas a exposição permanente, exposições itinerantes, empréstimo de material didático e viagens de campo de estudo do meio.

Na visita técnica ao Museu focaremos os programas educativos voltados ao ensino infantil, fundamental e médio, destacando dois pontos diferenciais na difusão da ciência, o nosso acervo vivo, ilustrando os aquários como recurso didático e nosso equipamento de projeção patenteado pela NASA/NOAA, a Science on a Sphere (S.O.S.), ou Ciência na Esfera.

A S.O.S. é um equipamento composto de uma tela de projeção esférica de policarbonato de 1,70 m de diâmetro, aonde 4 projetores multimídia simultaneamente exibem imagens e vídeos obtidos por satélites da Agência Espacial Americana. Tudo isto graças a uma conexão fixa de internet que atualiza o software a cada 15 min. Após a aquisição deste equipamento (primeiro do Hemisfério Sul), em abril de 2012, o Museu Oceanográfico se aproxima mais da academia da própria instituição e de outras instituições da USP que se utilizam hoje em dia deste recurso para aulas e pesquisas da graduação e pós-graduação.

Aguardamos a todos para esta experiência.

Endereço: Praça Oceanográfico, 191

Cidade Universitária, São Paulo

Telefone: (11) 3091-7149

<http://www.io.usp.br/index.php/infraestrutura/museu-oceanografico/apresentacao>

### **Museu de Geociências do IGc/USP**

O Museu de Geociências do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo desenvolveu-se a partir do antigo Museu de Mineralogia do Departamento de Mineralogia e Petrografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), da Universidade de São Paulo, em 1936. O acervo do Museu constituiu-se por coletas de campo realizadas pelos alunos do curso de geologia, por doações feitas por professores, colecionadores particulares e pela aquisição de peças individuais.

Durante a visita técnica você poderá conhecer alguns dos destaques do Museu de Geociências, como a réplica em tamanho natural com 14m de comprimento, do Alosaurus fragilis, o meteorito Itapuranga, encontrado em 1977 em uma fazenda no município de Itapuranga (GO), uma placa de calcário (rocha sedimentar), da região de Rio Claro (interior de São Paulo) com oito exemplares de fósseis Mesossaururs tenuidens e minerais fluorescentes. O visitante terá a oportunidade de tocar e ter nas mãos alguns tesouros da natureza: minerais, rochas e fósseis. Texturas, cores, brilhos, densidade e até odores são sensações experimentadas na mesa de toque. Vale a pena conferir.

Endereço: R. do Lago, 562

Cidade Universitária - São Paulo

Telefone: (11) 3091-4670

<http://www.igc.usp.br/index.php?id=museu>





